CORPOS EM EXPOSIÇÃO: RETIRANTES POBRES NA IMPRENSA BRASILEIRA (1915)

Frederico de Castro Neves[259]

Resumo

O artigo toma como objeto as imagens e textos produzidos pela imprensa brasileira sobre os retirantes da seca de 1915. São enfatizados os navios que transportavam os pobres e os locais onde eram desembarcados, assim como o Hospedaria Ilha das Flores, para onde eram destinados antes de serem enviados a campos de trabalho em São Paulo. Há destaque para a exposição, pela imprensa e nos portos, dos corpos depauperados dos retirantes, pela fome e pelo desespero, configurando uma linguagem mórbida que, pelo contraste, reforça as identidades que estavam sendo construídas durante as reformas urbanas que ocorriam nas décadas iniciais do período republicano.
Palavras-chave: retirantes, exposição, imprensa

Abstract

The article takes as its object the images and texts produced by the Brazilian press about the 1915 drought refugees. The ships that transported the poor and the places where they were landed are emphasized, as well as the Ilha das Flores Lodge, where they were destined before sent to work camps in São Paulo. Emphasis is given to the exposure, by the press and in the ports, of the depleted bodies of the retreating people, hunger and despair, configuring a morbid language that, by contrast, reinforces the identities that were being built during the urban reforms that took place in the early decades of the Republican period.
Keywords: refugees, exposition, press

A divulgação de imagens e fotografias de retirantes das secas na imprensa do Rio de Janeiro não era propriamente uma novidade em 1915.

Em 1878, o jornal O Besouro publicou em sua primeira página litogravuras de crianças afligidas pela fome e pelo desamparo, como forma de denunciar o descaso oficial com relação aos desvios de alimentos destinados aos pobres. As imagens foram litografadas por Bordallo Pinheiro, cuja obra seria amplamente reconhecida no início do século XX, com base em "cópias fidelíssimas de photographias que nos foram remetidas [desde o Ceará] pelo nosso amigo e colega José do Patrocínio",[260] quem, possivelmente, também escreveu as quadras que emolduravam as imagens, destacando, com palavras, a fome, a degradação moral e a nudez que apareciam expostas em corpos pouco e mal vestidos, magros e tristes. O tratamento dado por Bordallo evidenciava, por meio dos contrastes e das sombras, os ventres entumecidos, os olhares perdidos, os cabelos desarrumados, os braços caídos ao longo do corpo, os joelhos demasiadamente

[259] Professor Titular do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará. Doutor em História Social (UFF, 1998). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Email: fredcneves@msn.com.
[260] *O Besouro* (RJ), 20 de julho de 1878. Fotografias de J. Correa, em Fortaleza.

arredondados, a magreza extrema, obscurecendo, ao mesmo tempo, as partes genitais. Desta forma, as imagens faziam parte de um contexto narrativo que se apresentava como "páginas tristes" e que, simultaneamente, procurava mostrar "scenas e aspectos do Ceará". A menina, visivelmente impúbere, merece de Patrocínio o comentário que denuncia a escalada da prostituição na província, tema seguidamente enfatizado nas suas crônicas: "Deixei por amor a vida / me roubarem o pudor". Com o menino, o jornalista aponta os efeitos perversos da calamidade que levou à morte milhares de pessoas: "deixou-me na orphandade / entregue a dores e ais".[261]

De um lado, portanto, o jornal evidenciava o "estado da população retirante" e denunciava que "ainda há quem lhes mande farinha falsificada", mas, por outro lado, remetia as características físicas dos fotografados a um "aspecto" localizado biofisicamente na província que sofria com a ocorrência de uma seca sem precedentes. Assim, associava a fome com o Ceará e contribuía para a formação de um conjunto de significados que veio a se regionalizar, nas décadas iniciais do século XX, como "Nordeste".

Se as imagens e fotos eram pouco frequentes nas páginas dos jornais, os textos encarregavam-se de, abundantemente, fornecer a seus leitores o máximo possível de verossimilhança com os corpos maltrapilhos que chegavam à capital do Império durante as secas. O vocabulário impresso (ao mesmo tempo parnasiano, romântico e naturalista) destacava os corpos e suas características, apontando para suas imperfeições e morbidades, em uma linguagem cheia de referências poéticas e líricas, buscando, no leitor, não somente o desconforto e a indignação, mas igualmente, por contraste, o reforço de ideais de beleza e de normas sociais civilizadas.

Descrições dos retirantes, de suas atribuladas viagens pelos sertões até as cidades em busca de socorros — das cidades do Norte ao Rio de Janeiro, em navios adaptados e improvisados — eram diariamente destacadas em matérias nos principais jornais da Corte. José do Patrocínio, que esteve em Fortaleza a serviço do Gazeta de Notícias, enviou crônicas a esse jornal entre junho e setembro de 1878, divulgou as fotografias com seus companheiros d'O Besouro — o que pode ter se constituído na primeira experiência de fotojornalismo no Brasil[262] — e escreveu um romance com base

[261] Nas fotografias originais, em formato de "cartão de visita", que estão sob a guarda da Fundação Biblioteca Nacional, há indícios de manipulação, encobrindo a região pélvica das crianças.
[262] ANDRADE, J. M. F. e LOGATTO, R. *Imagens da seca de 1877-78 no Ceará: uma contribuição para o conhecimento das origens do fotojornalismo na imprensa brasileira*. Anais da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, v. 114, p. 71-83, 1994.

em suas observações diretas (Os Retirantes). Além dele, durante esses anos (1877 a 1880), o médico Castro Carreira não só escrevia suas impressões no Jornal do Commercio, como também organizava a distribuição de socorros — arrecadados em campanhas públicas — às províncias afetadas pela seca, como tesoureiro das "comissões pro-flagelados".

Em 1889, no contexto das campanhas abolicionista e republicana, falava-se novamente sobre "o depauperamento de milhares de homens validos" e na tarefa em que "todos" estão empenhados para "evitar a distribuição de soccorros directos, tão desmoralisadora quanto inefficaz".[263] Os pensadores liberais, para quem os "soccorros directos" representavam a caridade personificada no Imperador, difundiam ideais de "assistência pública", com base nos princípios constitucionais, conectando o auxílio aos afetados pelas calamidades com o trabalho e a construção de obras públicas.[264] Assim, o retirante é o trabalhador honrado, despojado de suas condições de trabalho em virtude de uma calamidade natural.

Em 1900, no entanto, o tema da "secca do Ceará" retorna à pauta na imprensa carioca com ênfase na caridade e na piedade. A Sociedade São Vicente de Paulo lança um apelo à sociedade fluminense em favor das "victimas da secca", dos "necessitados", "pobrezinhos" que "vos estendem as mãos em supplica".[265] Durante a festa de 32º aniversário do Club Gymnastico Portuguez, um "coração generoso" levantou-se em prol das "victimas da secca no Ceará" e arrecadou pequenas quantias em dinheiro, que "forão entregues ao representante do Jornal do Brasil para dar o conveniente destino".[266] O retirante, neste caso, aparece como o objeto da caridade e da solidariedade cristã.

Enfim, entre 1877 e 1900, três ondas de secas[267] difundem informações gerais sobre retirantes, sertões, fome e miséria em inúmeros jornais de várias cidades do país, em especial, em sua capital. Os pobres saídos dos sertões cearenses são expostos na imprensa em figuras, textos e representações, circulando pelo país por diversos meios (navios, carroças, caravanas), sendo recebidos por manifestações de solidariedade e horror, medo e caridade, repressão e piedade.

---

[263] Diário de Notícias (RJ), 18 de janeiro de 1889.
[264] Cf. NEVES, F. C. *Desbriamento e Perversão: olhares ilustrados sobre os retirantes da seca de 1877*. Projeto História (PUCSP), São Paulo, v. 27, p. 167-189, 2003.
[265] Jornal do Brasil (RJ), 21 de agosto de 1900.
[266] Jornal do Commercio (RJ), 02 de novembro de 1900.
[267] Cf. DAVIS, M. *Holocaustos Coloniais. Clima, fome e imperialismo na formação do Terceiro Mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

Em 1915, com uma nova seca, os corpos dos retirantes voltam a ser objeto da reflexão pública e da exposição na imprensa. Contudo, a técnica do clichê já havia sido instalada nas gráficas e oficinas e os jornais de todo o país passaram a se utilizar da impressão de fotos e combinação de imagens como forma de enfatizar ou expressar as notícias. Os textos, agora, se combinavam a elementos gráficos complexos e eram ilustrados por fotos e montagens, que conferem um grau maior de realidade — ou verossimilhança — aos eventos narrados. Com isso, a miséria dos retirantes das secas torna-se novamente elemento mórbido da admiração popular, após décadas de exposição textual, a povoar o imaginário de sombras que domina as significações destinadas ao "Norte", entre os jornais do Rio de Janeiro, como uma materialização da pobreza possível em um país recentemente saído da escravidão e do passado colonial, vivendo – pelo menos na capital e nas principais cidades – uma urbanização acelerada e perversamente desigual.

II

Os navios que transitavam incessantemente de norte a sul do litoral brasileiro, de Belém a Santos, especialmente, formavam um amplo sistema de navegação de cabotagem, que interligava as regiões produtoras e os centros populacionais. Por meio desse sistema, o governo e as companhias de transporte participavam, na prática, de uma política institucional de controle sobre as migrações dos pobres — assim como os albergues, as hospedarias, as prisões, os asilos de mendicidade, os colégios de órfãos, as campanhas de alistamento militar e as escolas de aprendizes — direcionando os destinos migratórios conforme as necessidades econômicas e sociais, conectando as áreas produtoras com os "excedentes" populacionais. Desde o Ceará, que, desde meados do século XIX, configurava-se como uma "fábrica de trabalhadores",[268] partia uma quantidade expressiva de homens pobres em direção aos seringais da Amazônia e aos canaviais do sul do país, assim como para as guerras platinas, como alistados muitas vezes "à laço", e como parte do tráfico interprovincial de escravos após 1850.

Com as grandes ondas de secas, após 1877, as migrações se intensificam, subvencionadas ou não, dividindo opiniões que se expressavam em duas direções: 1) o impacto que as migrações poderiam ter sobre a produção local e sobre as relações de poder baseadas no controle sobre as famílias de moradores sem terras; 2) o destino final

[268] SECRETO, M. V. *Ceará, a fábrica de trabalhadores: emigração subsidiada no final do século XIX.* Trajetos (Revista de História UFC) Fortaleza: vol. 2, n. 4, p. 47-65, 2003.

para os migrantes, Norte ou Sul. De um lado, o receio das elites locais em despovoar o território, desarticulando as redes de proteção e favor que se baseavam na reciprocidade desigual do paternalismo rural predominante nas áreas de pecuária e agricultura de subsistência. Por outro lado, o equilíbrio nem sempre estável do intercâmbio interprovincial (e interestadual) fazia pender o favorecimento e o estímulo às migrações para o Norte (leia-se: áreas de agricultura comercial e seringais) ou para o Sul (leia-se: áreas de canaviais e cafezais). De qualquer maneira, os corpos dos migrantes (que, após a seca de 1877, passam a ser chamados de retirantes e, depois de 1915, de flagelados) eram atirados em navios de carga, despreparados para receber pessoas, e protagonizavam cenas de violência, desespero e sofrimento, com famílias separadas, homens espancados, crianças e mulheres atiradas em conveses sujos e comida insuficiente ou estragada. O embarque dos "exilados", segundo R. Theophilo, era feito "de um modo afflictivo": as famílias eram separadas; as crianças eram arrancadas "dos braços maternos" e atiradas "sem piedade no fundo da embarcação"; as mulheres eram "carregadas a empurrões, sem o menor respeito, entre ditos indecentes"; no cais, por fim, "só se ouviam prantos e gritos de desespero".[269]

A ênfase de Theophilo recai sobre as crianças e principalmente as mulheres, ressaltando a desatenção e o desrespeito às "donzellas", vítimas da brutalidade de pessoas que a miséria da seca despojou de sua humanidade e de sua compaixão. Impressão semelhante teve José do Patrocínio e seus amigos do jornal O Besouro, que denunciavam as agressões que sofriam, nas hospedarias do Rio de Janeiro, as "donzellas cearenses, cuja boa fé é illaqueada por indivíduos que lhes falam como contractadores de trabalho e que por fim as transformam em mulheres perdidas".[270]

As condições de transporte e acomodação nos navios destinados aos migrantes, de qualquer forma, não melhoraram em todos esses anos.

Ao final de julho de 1915, o vapor Bahia passa por Recife em direção aos portos da região Norte.[271] Um mês depois, retorna para o sul com uma carga de "300 e tantos" emigrantes, que "se destinam ao Rio e a S. Paulo". Na Bahia, somos informados de que "o norte está em pleno estertor" e que "dia a dia vão descendo os batidos pela secca". Entre eles, "creanças nuas, ventrudas como gnomos", além de "mulheres

[269] THEOPHILO, R. *História da Secca do Ceará (1877-1880).* Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922, p. 133.
[270] *O Besouro* (RJ), 04 de março de 1878, p. 38.
[271] *Jornal do Recife* (PE), 26 de julho de 1915, p. 1.

cadavéricas, macilentas", e "mocinhas púberes".[272] Em dezembro, os pobres continuavam "acossados pela fome" e o paquete Maranhão deixa ver um grupo de "desafortunados" — dos 236 que conduzia para São Paulo — entre os quais se destacavam, novamente, as "mães a quem faltou o alimento para os filhinhos" e as "creanças que não têm a graça juvenil, já não riem nem têm forças para chorar". O quadro é "dolorosíssimo" e as fotografias que ilustram a matéria sobre "as inclemências da secca" ocupam quase a metade da primeira página do jornal.[273]

Em agosto, o mesmo vapor Bahia chega ao Rio de Janeiro, com 261 "infelizes flagellados do Ceará". Apesar do clichê que ilustra a matéria apresentar uma mulher retirante "com seu filhinho esquelético quasi a morrer", um jornal carioca afirmava que "o aspecto que apresentavam era menos impressionante do que o dos chegados pelos vapores Brasil e Satélite".[274] De fato, o paquete Satélite havia deixado 361 emigrantes na capital da República, provocando "gritos de dor" naqueles "curiosos" que vieram examinar o "flagrante incontestável da miséria do norte, causada pela fatalidade da secca". As mulheres "davam a impressão de caveiras" e as crianças "rolavam pela prôa do navio e estão tão deformadas que nem parecem creaturas humanas".[275]

A miséria dos retirantes já havia despertado a curiosidade mórbida de algumas parcelas da população da capital, mas o estado de saúde das crianças era o que mais chamava a atenção dos repórteres. Dias depois do desembarque do Satélite, ao noticiarem a chegada do vapor Maranhão, eles destacam o aspecto "esquelético" e " maltrapilho" das meninas que vieram junto com 80 famílias cearenses.[276] As fotografias, que a técnica do "clichê" já permitia serem reproduzidas nos jornais, ajudavam a formar um clima grotesco de morte e sofrimento. O jornal A Rua, por exemplo, não só reproduziu uma fotografia de meninos esqueléticos mendigando pelas ruas de Fortaleza, como fez uma montagem sobre as carcaças de animais mortos, "o resto das ossadas da boiada de 300 cabeças" da fazenda S. Antônio, em Uruburetama.[277] A situação é apresentada igualmente como um "quadro de horror", com montagens fotográficas de famílias inteiras de flagelados ocupando o espaço nobre do Passeio Público de Fortaleza, com suas "praças e jardins", em que se pode ver, ao fundo, a presença impositiva da multidão de retirantes a exigir a distribuição de esmolas ou

[272] *A Notícia* (BA), 23 de agosto de 1915, p. 1.
[273] *A Notícia* (BA), 14 de dezembro de 1915, p. 1.
[274] *A Noite* (RJ), 25 de agosto de 1915, p. 2.
[275] *A Noite* (RJ), 21 de agosto de 1915, p. 1.
[276] *A Noite* (RJ), 04 de setembro de 1915, p. 1.
[277] *A Rua* (RJ), 20 de julho de 1915, p. 1.

alimentos na porta da Santa Casa de Misericórdia.[278] Em face dessa presença, calculada em cerca de 3 a 5 mil pessoas sujas, andrajosas e famintas, bem no coração do espaço público sofisticado na cidade em processo de aburguesamento, o governo decide por transferi-las para o Campo de Concentração, "em um vasto terreno no Alagadiço, cercado, bem arborizado (...) em que foram feitas ligeiras instalações, inclusive de luz electrica", conforme o relatório do Presidente do Estado, Coronel Benjamin Barroso, em 1916.[279]

As imagens e os textos constroem, assim, um ambiente de tragédia e degradação da vida humana, no qual os corpos dos retirantes são apresentados à população do Rio de Janeiro no interior de um espetáculo mórbido de horrores. As mortes pela fome, a decadência econômica, a exposição pública dos corpos das mulheres e das crianças, a mendicância, a nudez, são todos elementos que formam um painel a ser configurado como um contraponto à cultura civilizada, que vai agir em chave contrária, a da caridade e da filantropia. O "quadro de horror" exigirá das "pessoas de bem", especialmente das mulheres, uma postura de solidariedade, disponibilidade e amor ao próximo, que será publicamente exposta com os festivais e outras ações lideradas por senhoras das famílias abastadas.

O jornal A Noite, contudo, a partir do final de agosto, passa a apresentar as matérias sobre a chegadas dos retirantes ao Rio de Janeiro com uma chamada bem sugestiva: o "êxodo da região maldita". Desta forma, o próprio espaço é demonizado como origem do sofrimento, da fome e da miséria, e os textos destacam a fuga dos mais fragilizados setores da população sertaneja. Os retirantes chegam "batidos", "acossados", derrotados pela natureza em fúria, pelo sol abrasador do norte, contra o que não conseguem encontrar mecanismos de sobrevivência básica, nem no campo nem nas cidades para onde se dirigem primeiramente. A "região" é, assim, transformada em irresistível fator de expulsão, como um motivador natural para as migrações desesperadas. No jornal A Rua, o "sertão cearense" é apresentado como "um grande brazeiro em que nada escapa", cenário de "scenas dantescas".[280]

As imagens e textos, portanto, identificam no outro — o retirante recém-chegado, desconhecido, vindo de longe — os sinais daquilo que se propunha superado em uma sociedade moderna e civilizada: a fome, a desesperança, a desonra, a

[278] A Noite (RJ), 18 de setembro de 1915, p. 1.
[279] Cf. NEVES, Frederico de C. *Curral dos Bárbaros: os campos de concentração no Ceará (1915 e 1932).* Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH, v. 15, n. 29, 1995, p. 93-122.
[280] *A Rua* (RJ), 20 de julho de 1915, p. 1.

humilhação, a desagregação moral e social. As descrições enfatizam detalhes dos corpos deformados pela miséria: o ventre crescido das crianças, o seio ressecado das mulheres. Acima de tudo, porém, a indicação de que as experiências trazidas pelos famintos os aproximam do mundo animal, os desumanizam pela ausência de vontade ou de cuidado. As crianças – que nem pareciam "creaturas humanas" – rolavam pelo chão imundo dos navios, descuidadas, desprovidas de linguagem, deformadas, largadas pelas mães igualmente descuidadas, desanimadas, tristes, quase conformadas com sua condição de objetos dos olhares piedosos e curiosos.

III

O outro lado da admiração mórbida pode ser identificado como um "movimento geral de sympathia",[281] que incluía a formação de comitês "pro-flagellados" em inúmeras cidades em todo o país, além de campanhas de arrecadação de verbas e "bandos precatórios" organizados por estudantes ou por sindicatos. Entidades como a Federação Espírita Brasileira, o Centro dos *Chauffeurs* ou a Maçonaria contribuíam com os comitês por meio de doação de dinheiro e campanhas que arrecadavam víveres, roupas ou remédios. Em São Paulo, assim como em inúmeros estados, generaliza-se o "movimento em favor das victimas da sêca que flagella diversas circunscrições do Norte da República".[282] O Diretório em favor dos "flagellados" concentrava essas contribuições no Rio de Janeiro e encarregava-se de destiná-las diretamente ao governo do estado ou ao Arcebispo de Fortaleza, D. Manuel Gomes, que percorria os principais estados brasileiros, além de ser recebido por diversas autoridades governamentais, buscando colocar a Igreja Católica no centro desse grande movimento de solidariedade.[283]

De fato, a Igreja procurava recolocar-se neste novo cenário republicano e a seca, com seu cortejo de misérias, oferecia uma oportunidade inigualável. As relações entre Estado e Igreja, que pareciam ter se abalado após 1889, eram, ao contrário, retomadas e reativadas em novas bases. A caridade, elemento central no atendimento aos pobres, centrada anteriormente na figura do Imperador, privatizava-se cada vez mais

[281] *Revista Careta* (RJ), 22 de agosto de 1915, p. 28; *Correio da Manhã* (RJ), 28 de agosto de 1915, p. 3.
[282] *Correio Paulistano*, 25 de julho de 1915, p. 5; *Revista Fon-Fon*, 07 de agosto de 1915.
[283] *Correio da Manhã* (RJ), 15 de agosto de 1915, p. 2; *Revista Fon-Fon* (RJ), 07 de outubro de 1915; *Correio Paulistano*, 25 de julho de 1915, p. 5. Por meio do jornal Correio do Ceará (CE), a Arquidiocese de Fortaleza registrava essas iniciativas e fazia prestações de contas do dinheiro arrecadado.

como uma extensão da benevolência individual. Na perspectiva liberal, ao Estado republicano caberia a organização de um sistema de socorros baseado no trabalho e na obediência, enquanto a assistência à família, às crianças e aos doentes deveria ficar sob o controle de entidades privadas de beneficência.

As mulheres, neste aspecto, assumiram posição de liderança e organização, à frente de entidades filantrópicas, como a Liga das Senhoras Católicas ou a Cruz Branca. Os festivais em "prol dos flagellados" se multiplicavam pelas principais cidades do país, reunindo famílias abastadas em nome da caridade e da solidariedade não só com os "irmãos do Norte", mas também em nome de outros destinatários da caridade, como a "casa dos artistas" ou as "crianças belgas", em um momento em que a guerra na Europa mobilizava uma boa parte das atenções. No programa desses eventos, constavam peças de teatro, apresentações musicais, poesia, palestras e atividades esportivas.[284] Na Quinta da Boa Vista (RJ), cenário privilegiado da sociabilidade sofisticada em torno do antigo palácio imperial, vários festivais reuniram personalidades da política e da sociedade carioca, ao menos em três oportunidades (25 de julho, 05 de setembro e 17 de outubro), organizadas por "uma comissão de senhoras inglesas, americanas e brasileiras" ou por iniciativa da Sra. Wenceslau Braz, esposa do Presidente da República.[285]

Na Hospedaria da Ilha das Flores,[286] despejados "como cargas inúteis", depois do desembarque no cais do porto, os retirantes eram recebidos pelas senhoras da Cruz Branca, "a magnanima sociedade presidida pelo grande coração da Sra. Gaby Coelho Netto". Ali, eram presenteados "com bôas palavras", alimentos e roupas. As imagens apresentam as damas caridosas em plena atividade de auxílio e apoio aos "flagellados", "incutindo no coração do povo o respeito aos infelizes e o amor aos que soffrem".

Ao contrário do que aparece nas reportagens que acompanham a chegada dos navios e o desembarque aflitivo dos passageiros, os retirantes são agora apresentados como cidadãos pobres e respeitáveis que recebem o auxílio de uma entidade filantrópica em um ambiente público, que, embora de "isolamento", foi construído para receber os

[284] Cf., por exemplo: A Noite (RJ), 23 de julho de 1915, p. 1; Correio Paulistano (SP), 01 de agosto de 1915, p. 5; Revista Fon-Fon (RJ), 14 de agosto de 1915, p. 21; Jornal do Brasil (RJ), 30 de junho de 1915; Jornal do Recife (PE), 16 de julho de 1915, p. 1; Correio da Manhã (RJ), 26 de julho de 1915, p. 2; A Notícia (BA), 29 de julho de 1915, p. 1; Correio do Ceará (CE), 28 de dezembro de 1915, p. 1.

[285] Jornal do Brasil (RJ), 26 de julho de 1915, p. 1; O Paiz (RJ), 18 de outubro de 1915, p. 1; Revista Fon-Fon (RJ), 14 de agosto de 1915, p. 21-23; A Noite (RJ), 24 de julho de 1915, p. 1.

[286] A Hospedaria da Ilhas das Flores foi inaugurada em 1883, dentro do programa brasileiro de estímulo à imigração. Sua localização, no meio da Baía da Guanabara, nas proximidades de Niterói, possibilitava maior controle sobre os imigrantes. Cf. REZNIK, Luís e FERNANDES, Rui A. N. *Hospedarias de Imigrantes nas Américas: a criação da hospedaria da Ilha das Flores.* História (São Paulo), vol. 33, n. 1, p. 234-253, jan./jun. 2014.

migrantes com relativo conforto. Os corpos dos "flagellados" e das "creanças flagelladas" – alimentados, limpos, vestidos, dispostos em ordem – são cuidadosamente fotografados para documentar "a piedosa e patriótica missão" das senhoras da Cruz Branca e mostram a eficácia da ação assistencial privada em contraste com a chegada tumultuosa e aflitiva dos retirantes nos portos da capital, no contexto de uma migração subvencionada pela União. Os esforços das senhoras católicas aparecem, assim, materializados nas roupas limpas e arrumadas e no semblante tranquilo dos retirantes devidamente assistidos.[287]

IV

O espetáculo mórbido dos corpos dos retirantes pobres haveria de ocupar o lugar do outro – o atraso político e social do Império – como esperado pelo movimento republicano. A expansão das redes aburguesadas de sociabilidade e urbanidade, materializadas nas intervenções do Prefeito Pereira Passos, no Rio de Janeiro, trazia um padrão de comportamento, higiene, cuidados pessoais, educação das crianças, vestimentas, que buscava disciplinar os corpos e apaziguar as mentes entorpecidas pelo fanatismo de Canudos e Contestado e pelo ímpeto revolucionário do movimento operário em ascensão.[288] Em contraste com esse padrão abstrato, os pobres retirantes das secas mostravam-se como o outro lado de um processo em curso, que precisava ser exposto como uma imagem a ser negada, admirada como um passado morto que ainda persistia, como um percalço do progresso, em uma espécie de musealização da miséria. As "scenas allucinantes" que chegavam a cada "leva de flagellados" eram compostas, no cais do porto e nos conveses dos navios, por grupos de "gente andrajosa, physionomias tristes, corpos esqueléticos", homens "humildes, cabisbaixos, esmagados", que narram, "na sua linguagem simples, a impressão das scenas infernais daquelas paragens sinistras".[289] Os "curiosos" que se aproximavam do cais para admirar a chegada dos retirantes encontravam em exposição – as crianças rolando no convés, as mulheres com seus bebês mortos no colo, os homens em farrapos – os corpos degradados que contrastavam com o imaginário de civilização que tinham em mente.

[287] *Revista Careta* (RJ), 28 de agosto de 1915, p. 28-29. Cf. NEVES, F. C. *Caridade e Controle Social na Primeira República* (Fortaleza, 1915). Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 17, n. 53, p. 115-133, janeiro-junho de 2014.
[288] Cf. BENCHIMOL, J. *Pereira Passos: Um Houssmann Tropical*. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1990.
[289] *A Noite* (RJ), 15 de agosto de 1915, p. 1.

No Rio de Janeiro, esse contraste provocava “gritos de dor”. Em Fortaleza, os “curiosos” participavam dos registros fotográficos, posando ao lado das famílias pobres nos bancos do Passeio Público que costumavam usar para seu próprio deleite e em meio às esculturas que remetiam ao fausto de uma civilização pretensamente europeizada. Os pobres, contudo, conforme suas tradições culturais sertanejas, armavam suas redes entre as árvores, dispostas pela praça conforme as mais recentes técnicas paisagísticas, ocupando as alamedas cuidadosamente planejadas pelos engenheiros e arquitetos contratados pelo governo estadual.[290]

A exposição dos retirantes pobres em navios, praças e escadarias obedecia a critérios específicos e diferenciados. Entre as escadas da hospedaria, devidamente banhadas e vestidas, as crianças aparecem separadas dos adultos, assim como os homens separados das mulheres. Nos navios, predomina a desarrumação das famílias desencontradas, com prevalência das mulheres com bebês no colo, as crianças no chão, o desespero estampado nos semblantes. Nas praças, as famílias organizadas com as crianças disciplinadas ao lado dos pais, mas com as roupas esfarrapadas e os olhares desamparados dos homens incapazes de prover as suas proles. Os corpos remetem metonimicamente a estereótipos da infância, da maternidade e da virilidade, em uma linguagem de reforço, pelo contraste, de elementos identitários da modernidade burguesa: a brincadeira das crianças, o cuidado das mães, a força protetora dos homens.[291]

De um modo geral, todavia, os corpos expostos dos pobres pareciam confirmar a posterior conclusão do Dr. Renato Kehl, referência do eugenismo brasileiro, em 1929: “a nossa plebe é feia, desengonçada e doente”.[292] Os padrões de referência para a beleza – e, portanto, para a “fealdade” – estavam sendo construídos nesses anos de modernização urbana e de estabelecimento de quadros estereotipados sobre o pobre, o trabalhador, o funcionário público, o esportista, o migrante, o lavrador, que pudessem compor a vida ativa da Nação e da República. A composição desse quadro geral da população nacional poderia se dar não só pela exposição do belo, por meio das revistas de variedades, majoritariamente femininas, mas igualmente pela visualização do

---

290 Os registros fotográficos constam em Revista Fon-Fon (RJ), 25 de setembro de 1915, p. 42. Sobre o processo de “aformoseamento” em Fortaleza, Cf. PONTE, S. R. *Fortaleza Belle Époque: reforma urbana e controle social (1860-1930).* Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, 1993.

291 Cf. MENESES, U. T. B. *Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico.* Anais do Museu Paulista. São Paulo, v.2, p. 9-42, jan./dez., 1994.

292 Apud. RAMOS, M. B. *Perfectíveis Corpos – Corpo e Nação: territorialidades imponderáveis*. Projeto História. São Paulo, n. 25, dez. 2002, p. 292.

grotesco e do desmedido, o radicalmente oposto, os quais, por um efeito de contraste, se completam.[293]

Nos festivais, os textos eram ilustrados pelo desfile das elegâncias e pelas atividades desportivas ou artísticas. As mulheres com seus vestidos e chapéus, os homens com suas bengalas e relógios de algibeira, os atletas em seus barcos de competição, os artistas em suas vestimentas de apresentação teatral. Mesmo as mulheres que trabalhavam nas festas eram apresentadas como um "grupo de senhoras e senhoritas norte-americanas e inglesas que serviram o chá", em seus uniformes brancos impecáveis, minuciosamente organizadas para a fotografia na escadaria de acesso ao antigo palácio imperial, já transmutado em Museu Nacional. Dentre a "multidão" que participava da "grande festa popular" na Quinta da Boa Vista, "pelos flagellados e pelas crianças belgas", e ouvia o "Hymno dos Alliados executado pela banda dos Marinheiros Nacionais", nenhum retirante.[294]

Por outro lado, os pobres retirantes das secas inscreviam-se contraditoriamente em outra classificação: os desocupados, aqueles que negam ou que não encontram lugar na sociedade do trabalho, aproximando-se dos ociosos e dos vagabundos.[295] Se, por um lado, seu desemprego era, por assim dizer, provisório e ocasionado por um elemento exterior e imponderável (a seca), por outro lado, os retirantes são homens e mulheres desconhecidos, migrantes ocasionais, estrangeiros na capital da República. A circulação pelas cidades deveria ser restrita – dos portos para as hospedarias – e a exposição dos corpos deveria ser controlada – nos navios. Com isso, as autoridades esperavam barrar o crescimento da mendicância e da prostituição, que acompanhava de perto as reformas urbanas excludentes, o empobrecimento vertiginoso dos trabalhadores e a formação dos bairros populares e dos cortiços. Os retirantes, muitas vezes, tinham diferentes planos e conseguiam escapar da vigilância, procurando por conta própria a sobrevivência nas cidades desconhecidas. Do paquete Brasil, que trouxe uma leva de retirantes de Fortaleza para o Rio de Janeiro, foram "apenas" 188 os que "seguiram em batelões para a ilha das Flores", já que "cento e poucos haviam ficado em Maceió", contrariando as diretivas dos agentes migratórios. A ressalva de que foram seduzidos por "promessas de

[293] A exposição pública de doentes e deficientes parece corroborar com essa visão. Cf. FERREIRA, J. P. *"Alto" / "Baixo": o grotesco corporal e a medida do corpo.* Projeto História. São Paulo, n. 25, dez. 2002, p. 404.
[294] *Revista Fon-Fon* (RJ), 14 de agosto de 1915, p. 27-29.
[295] Cf. LOBO, L. F. *Os Infames da História. Pobres, escravos e deficientes no Brasil*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008, p. 228.

collocação" procura restringir as alternativas à disposição dos retirantes, eliminando as opções sempre possíveis para a fuga ou para a insubordinação.[296]

A ênfase de algumas matérias jornalísticas na destinação dos retirantes para trabalhos contratados em áreas produtivas só vem consolidar a compreensão, que se disseminava desde 1880, de que "não deve ser função pública alimentar o ócio e a preguiça" e que deve-se estimular o trabalho em todas as suas formas "systematicas", por meio de obras públicas ou projetos de formação de força de trabalho empregada nas principais atividades produtivas, para compensar, de alguma forma "os sacrifícios do Estado em soccorro das victimas da sêcca".[297] O trabalho, de alguma forma, deveria repor a ordem nos sertões em suas bases tradicionais, mesmo que deslocada de suas referências paternalistas e camponesas. Nas fazendas de café ou nas obras públicas espalhadas por todo o Norte, as relações de trabalho poderiam – ou deveriam – reforçar a submissão, a disciplina, o empenho, a obediência e o compromisso, além da moderação nos hábitos e do controle moral sobre a família.[298]

A caridade para com os desvalidos e o sustento dos inválidos deveriam ser acompanhados pelo estímulo ao trabalho sistemático e regular, sem o qual toda atividade filantrópica e todo o esforço de religiosos e senhoras abastadas poderia se invalidar. Assim como os corpos belos, dóceis e produtivos eram confrontados pelos corpos frágeis e esfarrapados dos retirantes, a noção de trabalho como regulador central na vida societária era confrontada pela ociosidade de trabalhadores válidos em situação de miséria, sustentados provisoriamente pelo erário público.

V

Depois de 1915, a estratégia das autoridades haveria de privilegiar os projetos de "fixação do homem no campo" e as rotas migratórias diretamente ligadas aos centros

---

[296] *A Noite* (RJ), 15 de agosto de 1915, p. 1.

[297] CEARÁ, Falla com que o Exm. Sr. Dr. José Júlio de Albuquerque Barros, Presidente da Província do Ceará, abriu a 1ª Sessão da 25ª Legislatura da Assembleia Provincial, no dia 1º de julho de 1880. Fortaleza: Typographia Brasileira, 1880, p. 61. Cf. também DINIZ, A. S. O trabalhador pobre no imaginário das elites nordestinas (1850-1920). In: GARCIA JR, A. Brasil Norte e Nordeste: estudos em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: ANPOCS, 1991, p. 34. Aproveitando essa mão de obra disponibilizada pela seca e sua consequente miserabilização, no contexto pós-abolição, "fazendeiros de São Paulo fizeram pedidos á Inspetoria de Immigração para 200 famílias". A Noite (RJ), 15 de agosto de 1915, p. 1. Outros pedidos foram feitos neste momento, reforçando uma importante corrente de migrações de sertanejos em direção a São Paulo.

[298] Cf. CÂNDIDO, T. A. *Proletários das Secas: experiências nas fronteiras do trabalho (1877-1919).* Curitiba: Appris, 2019.

produtores. De um lado, em 1932, vários campos de concentração, espalhados pelo estado do Ceará, haveriam de tentar barrar as ondas de movimentação dos camponeses pobres arruinados pela seca. Mesmo com as mudanças frequentes de denominações nos anos seguintes (campos de trabalho, albergues, bolsões, abarracamentos, etc), os acampamentos de retirantes se conectavam a obras públicas, que, ao mesmo tempo, se constituíam em elemento central da política de controle das migrações, se tornavam cada vez mais uma reivindicação dos camponeses sem terra, que ressignificavam, assim, a assistência do estado em direito social.[299] De outro lado, as rotas migratórias passaram a ser invisibilizadas pelas estradas recém construídas, em caminhões improvisados chamados de "pau-de-arara".

De qualquer maneira, o espetáculo dos corpos em exposição não mais voltou à cena com o mesmo impacto e divulgação pelos jornais. A configuração do pobre como "nordestino" haveria de regionalizar definitivamente a pobreza como um atributo associado ao espaço do semiárido.[300]

---

[299] NEVES, F. C. *A Multidão e a História: saques e outras ações de massas no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
[300] Cf. ALBUQUERQUE JR, D. M. *A Invenção do Nordeste*. São Paulo: Cortez, 1999.